

O ARBITRÁRIO E/É A ESCUTA

Luiza Milano*

 <http://orcid.org/0000-0003-0040-7911>

Aline Stawinski**

 <https://orcid.org/0000-0001-7550-9993>

Como citar este artigo: MILANO, L.; STAWINSKI, A. O arbitrário e/é a escuta. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 1-17, maio/ago. 2020. DOI 10.5935/1980-6914/eLETD02013398

Submissão: maio de 2020. **Aceite:** julho de 2020.

Resumo: Este artigo propõe-se a refletir sobre a relação entre o já conhecido conceito saussuriano de arbitrário e a noção de escuta. Para tal, tomaremos como ponto de partida os estudos precedentes no campo acerca do arbitrário, visto ser essa uma discussão recorrente nos Estudos da Linguagem. Dada a importância desse princípio para a reflexão de Ferdinand de Saussure, propomos pensar em uma noção de escuta no âmbito da linguística, a partir da abordagem do arbitrário no legado do autor. Em nosso percurso, lançaremos mão de duas fontes manuscritas autográficas – “Sobre a essência dupla da linguagem” e *Phonétique* – e também revisitaremos as edições críticas do *Curso de Linguística Geral* e as interpretações concernentes ao tema do arbitrário e sua relação com a escuta em reconhecidos pesquisadores contemporâneos do legado do mestre genebrino.

Palavras-chave: Arbitrário. Escuta. Saussure. Signo. Valor.

* Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil. E-mail: luizamilanos@gmail.com

** Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil. E-mail: aline.stawinski@gmail.com

INTRODUÇÃO

■ O presente trabalho parte de uma questão da qual os sujeitos falantes nem sempre têm consciência, mas que há muito tempo é alvo de inquietação para os estudiosos da linguagem: como se recorta em unidades aquilo que é escutado como massa sonora, em uma troca comunicativa? A partir desse problema, surge-nos uma nova pergunta, mais voltada para nosso escopo de pesquisa: qual é a relação do caráter arbitrário dos signos linguísticos com a *escuta* da língua pelo falante? Para propor uma reflexão sobre essas perguntas nada simples, buscaremos destacar elementos teóricos oriundos da linguística de base saussuriana.

Particularmente, visitaremos, entre as fontes manuscritas autográficas, os manuscritos “Sobre a essência dupla da linguagem” (SAUSSURE, 2004 [1891])¹ e *Phonétique* (SAUSSURE, 1995 [1883-1884]), este último conhecido como o dossiê 8 dos manuscritos de Harvard. Além dessas duas fontes autográficas, revisitaremos a edição crítica do *Curso de Linguística Geral*² de Rudolf Engler (SAUSSURE, 1989-1990), assim como a edição do *Curso* que vem acompanhada das notas de Tullio De Mauro (SAUSSURE, 1972). Para nos ajudar na análise desse conjunto de fontes heterogêneas e complexas, buscaremos as interpretações concernentes ao tema do arbitrário e da sua relação com a escuta em reconhecidos pesquisadores contemporâneos do legado do mestre genebrino.

Tal como propõe o título deste artigo, o conceito teórico de partida em nossa hipótese de trabalho é aquele conhecido como um dos princípios fundantes do signo linguístico: o caráter arbitrário. Será, então, por ele que começaremos nossa reflexão.

A IDEIA DE CONVENÇÃO: UM ANTIGO DEBATE

Não seria prudente de nossa parte realizar uma pesquisa sobre o conceito de arbitrário sem revisitarmos o *Crátilo*. A discussão presente nesse *Diálogo* registrado por Platão (428 a.C.-347 a.C.)³ problematiza a natureza do objeto que se analisa, quando se trata de uma representação verbal veiculada no discurso. Lê-se, nesse texto fundador, uma discussão sobre a relação entre os nomes e as “coisas” por eles representadas. Enquanto Hermógenes crê na convencionalidade do signo, Crátilo defende que os nomes são naturais. A base da discussão, nesse sentido, diz respeito à distinção entre aquilo que é da ordem da convenção e aquilo que é da ordem da natureza.

No diálogo do *Crátilo*, como veremos mais adiante com respaldo em princípios saussurianos, o ponto alto do impasse é relativo ao arbitrário radical (ou absoluto), condição de existência de qualquer sistema simbólico. Destacamos,

1 Editada por Bouquet e Engler, a publicação *Escritos de Linguística Geral* reúne textos encontrados em 1996 e antigos documentos (Edição Engler, 1968-1974 e Acervo da Biblioteca Pública e Universitária de Genebra). Do ponto de vista filológico, cabe destacar a fundamental importância que tem, para o pesquisador das fontes manuscritas saussurianas, a edição desse mesmo manuscrito realizada por René Amacker, em 2011, com o título de *Science du langage: de la double essence du langage*. No presente artigo, no entanto, optamos por trabalhar com a versão de Bouquet e Engler, em função de sua larga divulgação no Brasil, por meio da tradução de Carlos Augusto Salum e Ana Lucia Franco (SAUSSURE, 2004).

2 No presente artigo, ao nos referirmos a recortes oriundos do *Curso de Linguística Geral*, optamos por trabalhar com a tradução brasileira de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein (SAUSSURE, 1974). No entanto, as edições críticas de Engler (SAUSSURE, 1989-1990) e de De Mauro (SAUSSURE, 1972) serão também evocadas em nossos comentários e reflexões.

3 Para o presente estudo, consultamos a tradução do *Crátilo* elaborada por Luciano Ferreira de Souza em sua dissertação de mestrado, de 2010.

por essa via, que a pertinência da discussão sobre a referência no mundo (ou o “estado de coisas no mundo”) não deve ser confundida com a referência no discurso, variável que também abordaremos nos desdobramentos de nossa reflexão. Por esse motivo, é importante deixarmos claro que nos ocuparemos prioritariamente do caráter arbitrário, e não da relação de (i)motivação do signo linguístico em relação a um estado de coisas no mundo, tema muitas vezes confundido e/ou sobreposto à discussão acerca do arbitrário.

Igualmente, ao tratarmos do tema do arbitrário não podemos nos esquivar da relação entre Saussure e Whitney. William Dwight Whitney (1827-1894), linguista, lexicógrafo e filólogo norte-americano, faz importantes considerações acerca do arbitrário e do valor linguístico em *A vida da linguagem* (2010)⁴, herdando, poderíamos dizer, o debate inacabado em *Crátilo* a fim de sustentar a ideia de convencionalidade do signo:

[...] pode-se dizer, num sentido exato e preciso, que toda palavra transmitida é um signo arbitrário e convencional: arbitrário, porque qualquer outra palavra, entre as milhares que utilizamos e as dezenas de milhares que poderíamos utilizar, poderia ter sido aplicada à ideia; convencional, porque a razão para empregar esta e não aquela é que a sociedade à qual a criança pertence já a emprega (WHITNEY, 2010, p. 32).

A obra de Whitney, como sabemos, é referenciada por Saussure em suas aulas de linguística geral, e tais referências são encontradas tanto na edição do CLG⁵ (cf. SAUSSURE, 1972, p. 18, 26, 110) quanto nos ELG⁶, sendo tema de particular interesse nas *Notas Whitney* (SAUSSURE, 2004, p. 259). A influência do linguista norte-americano é destacada por Marcio Cruz (2010, p. 11) no prefácio da edição brasileira de *A vida da linguagem*, ao apontar que os capítulos I, II e VIII “parecem ter servido de inspiração para a primeira parte do *Curso* em que Saussure trata dos princípios gerais”.

A reflexão apresentada por Whitney nos faz sublinhar a importância de se estabelecer, conforme destacamos anteriormente, uma diferenciação entre as noções de “motivado” e “arbitrário”. Apontada desde Platão, a (i)motivação do signo linguístico está relacionada a uma questão do campo da filosofia da linguagem, ou seja, trata-se de uma indagação acerca da pertinência do vínculo entre os nomes e as coisas. Já a discussão sobre o arbitrário do signo é uma questão propriamente linguística e diz respeito ao laço que une as porções de som e de sentido em um signo no seio do sistema. Parece-nos prudente destacar essa diferença particular, visto que ensejamos focar a discussão acerca do aspecto arbitrário por meio de um escopo especificamente linguístico.

DO ARBITRÁRIO EM SAUSSURE

A questão do arbitrário no *corpus* saussuriano é demasiado complexa. De acordo com Tullio De Mauro, em 1894 Saussure demonstra evitar o uso do termo

4 O texto original é intitulado *The life and growth of language*, publicado pela primeira vez em 1875. A edição francesa, *La vie du langage*, foi publicada cinco anos depois, em 1880.

5 No presente trabalho, utilizaremos a sigla CLG para nos referirmos ao clássico livro *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand de Saussure.

6 No presente trabalho, utilizaremos a sigla ELG para nos referirmos à edição do manuscrito saussuriano organizada por Bouquet e Engler intitulada *Escritos de Linguística Geral* (cf. nota 1 deste artigo).

convencional em detrimento de *arbitrário*: “Saussure passou a utilizar *arbitrário* porque o adjetivo expressava bem a inexistência de razões naturais, lógicas, etc., na determinação das *articulações* da substância acústica e semântica” (SAUSSURE, 1972, p. 443, n. 137, tradução nossa)⁷. Nesse sentido, Saussure cumpre um papel importante no debate estritamente linguístico do caráter arbitrário e, por esse motivo, parece-nos fundamental esmiuçar esse conceito.

Partiremos do alerta encontrado no manuscrito “Sobre a essência dupla da linguagem”:

[...] se a unidade de cada fato de linguagem resulta, já, de um fato complexo que consiste da união de fatos, ela resulta, além disso, de uma união de um gênero altamente particular: na medida em que não há nada em comum, em essência, entre um signo e aquilo que ele significa (SAUSSURE, 2004, p. 23).

Conforme se pode ler nesse breve trecho, a questão metodológica acerca do estabelecimento e recorte das unidades com as quais o linguista trabalha é uma preocupação basilar para Saussure.

O amparo nessa passagem do manuscrito não deveria fugir do escopo de preocupação dos linguistas contemporâneos, principalmente aqueles que (re)considerarem a complexidade de se lidar simultaneamente com aspectos concretos e abstratos da *langue*⁸. Como aponta o genebrino, a abstração é uma operação fundamental no fazer científico do linguista:

Mas há, ANTES DE TUDO, a generalização e nada há além dela: ora, como a generalização supõe um ponto de vista que serve de critério, as primeiras e mais irredutíveis entidades com que se pode ocupar o linguista já são o produto de uma operação latente do espírito (SAUSSURE, 2004, p. 26, maiúsculas e grifo do autor).

No entanto, como se sabe, a aproximação aos fenômenos passíveis de análise requer o encontro com a concretude do material linguageiro. Afinal, “a *presença de um som*, numa língua, é o que se pode imaginar de mais irredutível como elemento de sua estrutura” (SAUSSURE, 2004, p. 27, grifo do autor). Nesse contexto, situamos a função basilar do conceito de arbitrário, para que se possa proceder a análises e reflexões linguísticas acerca do signo e do sistema. É, então, acompanhadas desse amparo teórico-metodológico que respalda olhar simultaneamente para o concreto e o abstrato registrado em “Sobre a essência dupla da linguagem” que nos voltaremos agora para o conceito de arbitrário presente no CLG.

No sumário da edição de Bally e Sechehaye do CLG, o arbitrário é anunciado em dois momentos diferentes: ao apresentar o signo linguístico e ao explicar o mecanismo da *langue*. Vejamos mais de perto o contexto de cada uma dessas ocorrências.

A primeira e mais conhecida é evocada na primeira parte, no capítulo I – “Natureza do signo linguístico”. Após apresentar o signo em seus componentes significado e significante, o referido capítulo segue com a explicação dos princípios que regem o signo: o arbitrário e o aspecto linear.

7 “Saussure en est venu à utiliser arbitraire parce que l’adjectif exprimait bien l’inexistence de raisons naturelles, logiques, etc., dans la détermination des articulations de la substance acoustique et sémantique”.

8 Neste trabalho, optamos por utilizar o termo *langue* em vez da tradução “língua” presente na edição brasileira do CLG, para mantermos a importante alusão do conceito à noção de sistema na teoria saussuriana. Da mesma forma, as ocorrências de “fala” serão mantidas no termo original *parole*, a fim de evitar a redução do conceito saussuriano à ideia de *fonação*.

Na edição brasileira do CLG (SAUSSURE, 1974, p. 81), a primeira ocorrência da noção de arbitrário é apresentada da seguinte forma: “Primeiro princípio: a arbitrariedade do signo”⁹. Nesse capítulo, lemos que as duas faces do signo linguístico – significado e significante – são unidas por um laço que é arbitrário, ou seja, não existe uma relação fixa ou predeterminada entre as duas porções que compõem o signo: “a ideia de ‘mar’ não está ligada por relação alguma interior à sequência de sons *m-a-r* que lhe serve de significante; poderia ser representada igualmente por outra sequência, não importa qual” (SAUSSURE, 1974, p. 81-82).

É, portanto, uma característica do signo linguístico (e da *langue*, por extensão) estar à mercê das imprevisibilidades geradas pelo fato de porções de som e de sentido poderem se combinar, ponto de vista reiterado na *Primeira Conferência* de Genebra, de 1891, parte dos ELG: “tudo o que parece *orgânico* na linguagem é, na realidade, *contingente* e completamente acidental” (SAUSSURE, 2004, p. 131)¹⁰. Isso, claro, se a massa de falantes assim avalizar. Em nosso ponto de vista, essa parece ser uma forma interessante de interpretar os limites instaurados pelo par *langue-parole*, quando se trata de pensar a “livre escolha do que fala” (SAUSSURE, 1974, p. 83).

Como vimos, é através da explanação desse princípio que entendemos que o laço que une as duas porções do signo é aleatório. Podemos dizer que o arbitrário é um princípio fundante da teoria saussuriana pelo qual a abordagem do signo linguístico nos mostra uma pressuposição de ligação entre massas amorfas de som e de sentido que sustenta o estatuto das unidades em questão (os signos). Ou ainda, dito de outra maneira, a forma como significado e significante se atrelam é sempre imprevisível. Obviamente, conforme já apontamos, isso precisa passar pelo crivo de um contrato social, que, em termos linguísticos, é representado pela noção de *langue*.

As interpretações e releituras do princípio do arbitrário no âmbito da linguística saussuriana são muitas. Destacaremos a seguir as que tiveram maior importância em nosso percurso de estudos, o que não quer dizer que seja o único ou o melhor caminho a ser trilhado. No início de nossa reflexão sobre o arbitrário em Saussure, alguns mestres foram inspiradores, entre eles Rudolf Engler e Tullio De Mauro. Por serem, com Godel, as primeiras importantes referências para os pesquisadores do pensamento saussuriano e por terem auxiliado o campo dos Estudos da Linguagem a empreender significativo avanço, começaremos por eles.

Tullio De Mauro, em sua edição crítica do CLG, especialmente nas notas 135 e 136 (SAUSSURE, 1972, p. 442), traz uma importante consideração que merece ser destacada. O linguista italiano aponta que, na explicação acerca do arbitrário, um termo importante acabou sendo suprimido por Bally e Sechehaye. O autor lembra que nas anotações dos alunos de Saussure se percebe uma ênfase sustentada pelo advérbio: “o laço que une o significante ao significado é *radicalmente* arbitrário” (SAUSSURE, 1972, p. 442, grifo nosso)¹¹. Na verdade, em uma

9 Chama nossa atenção a tradução do termo evidenciada na edição brasileira. Enquanto nas edições inglesa (*arbitrary*, cf. SAUSSURE, 1986) e espanhola (*arbitrario*, cf. SAUSSURE, 2018), o termo mantém proximidade com o original *arbitraire* utilizado na edição francesa (SAUSSURE, 1972), a edição italiana (*arbitrarietà*, cf. SAUSSURE, 2017) e a versão brasileira propõem, nessa passagem, o termo “arbitrariedade”.

10 Conforme se pode constatar nos registros reunidos por Godel (1969, p. 38, grifos do autor): “*tout ce qui semble organique dans la langue est en réalité contingent et complètement accidentel*!”. Observe que o termo em francês é *langue* (língua), e não *linguagem* como consta na tradução dos ELG.

11 “*le lien unissant le signifiant au signifié est radicalement arbitraire.*”

investigação mais detalhada, constata-se que esse “radicalmente” acaba mi-grando e aparece em outras duas passagens do CLG, ao apresentar o conceito de valor linguístico e ao diferenciar os dois tipos de arbitrário (absoluto e relativo).

Na ocorrência ligada ao conceito de valor, ou seja, cinquenta páginas adiante, lemos:

[...] não só os dois domínios ligados pelo fato linguístico são confusos e amorfos, como a escolha que se decide por tal porção acústica para essa ideia é perfeitamente arbitrária. Se esse não fosse o caso, a noção de valor perderia algo de seu caráter, pois conteria um elemento imposto de fora, e eis por que o vínculo entre a ideia e o som é radicalmente arbitrário (SAUSSURE, 1974, p. 132, grifo nosso).

O que essa passagem nos mostra, além do reforço enfático do advérbio, é a ligação fundante entre o princípio do arbitrário e o valor linguístico.

Folheando um pouco mais de 20 páginas, encontramos a outra ocorrência do “radicalmente”, na seção intitulada “O arbitrário absoluto e o arbitrário relativo” (SAUSSURE, 1974, p. 152). No entanto, em nossa opinião, nessa segunda ocorrência, a força intensificadora se atenua, visto que o objetivo nessa passagem já está voltado à diferenciação entre os dois tipos de arbitrário.

Rudolf Engler foi um dos maiores estudiosos do *corpus* saussuriano, e seus empreendimentos – desde a edição do CLG até seus artigos – demonstram bem a sua preocupação em compreender o pensamento teórico construído por Saussure. Em *Lexique de la terminologie saussurienne*, Engler (1968) busca justamente fazer um levantamento dos termos utilizados pelo linguista genebrino, levando em consideração a diversidade das fontes manuscritas. No *Lexique*, encontramos duas entradas para o termo *arbitraire*: uma está vinculada à concepção de que *arbitrário* caracteriza aquilo que é *imotivado*; a outra, podemos sintetizar como:

arbitrário (adj.) = convencional, livre (-> liberdade, nulidade, vazio; o arbitrário do signo - s.m. - 1329), em um sentido semiológico, abstração feita dos fatores de tempo e massa social, fora de toda ideia de escolha (ENGLER, 1968, p. 13, tradução nossa)¹².

Quando falamos em *arbitrário*, nesse sentido, podemos estar fazendo referência a três características de naturezas distintas: 1. o significante não guarda nenhuma relação com o significado; 2. o laço entre as massas amorfas é radicalmente convencional; e, por extensão, 3. a relação entre o signo (ou seja, a junção entre significante e significado) e os sons propriamente ditos (ou seja, a materialidade) é *arbitrária*.

Queremos também dar especial destaque ao registro da noção de arbitrário nas anotações dos alunos que acompanharam as aulas do mestre genebrino. Por esse motivo, ao conferirmos as anotações dos cadernos dos alunos de Saussure (1989-1990) na edição crítica de Engler, na qual o conceito de arbitrário aparece nas aulas do terceiro curso de linguística geral, percebemos que é de fato possível interpretar, a partir desses registros reunidos e editados por Engler, que o arbitrário absoluto é radical mesmo: segundo Dégallier, “o laço do signo com relação à ideia representada é radicalmente arbitrário” – a mesma frase é registrada

¹² *“arbitraire (adj.) = conventionnel, libre (-> liberté, nullité, vacuité ; l’arbitraire du signe- s.m.- 1329), dans un sens sémiologique, abstraction faite des facteurs temps et masse sociale, hors de toute idée de choix.”*

por Constantin (III C 299); já Mme Sechehaye registra: “O laço do signo à ideia é arbitrário radicalmente” (SAUSSURE, 1989-1990, p. 297, tradução nossa)¹³.

Choi (2002), inclusive, aponta que ele é “fora do tempo”, ele é a não liberdade. Ao sublinhar a natureza temporal das porções auditivas das formas linguísticas, o autor sugere que o arbitrário do signo é o contrato desde o qual nasce a (pos-sível) liberdade (CHOI, 2002)¹⁴. É nesse contexto que Choi (2002) destaca também a presença da expressão “acidente diacrônico” no caderno de Riedlinger¹⁵ como resultante desse impasse entre liberdade e não liberdade que envolve o aspecto arbitrário do signo. E, de nossa parte, acreditamos ser por esse motivo que Rudolf Engler (1962), em detalhado artigo acerca do tema, sublinha que o arbitrário encontra seu contexto justamente na semiologia e na mutabilidade¹⁶. Para nós, é nessa direção que o arbitrário se diferencia do (i)motivado, visto que pressupõe uma relação interna a um sistema simbólico – *langue* – o qual, como tal, se expõe à ação do tempo e da massa de falantes.

Conforme já anunciamos, há duas entradas explícitas da noção de arbitrário no CLG, de acordo com o sumário da obra. Após ser apresentado como um dos princípios do signo, na segunda parte, a questão do arbitrário retorna, já dessa vez no capítulo VI – “Mecanismo da língua” –, no qual é abordada a questão do signo no contexto das relações que estabelece dentro do sistema: trata-se da seção 3, que tem como título “O arbitrário absoluto e o arbitrário relativo”. Nessa passagem (SAUSSURE, 1974), podemos diferenciar as duas abordagens do arbitrário:

- o arbitrário absoluto (também conhecido como arbitrário interno ou radical);
- o arbitrário relativo (também conhecido como arbitrário sistêmico).

Veremos a seguir como é possível, e necessário, lidar simultaneamente com essas duas instâncias do arbitrário, mas, por ora, gostaríamos de lembrar que o arbitrário absoluto (ou radical) não está na ligação em si entre significado e significante, mas na maneira como se dá essa ligação: ela é ao mesmo tempo interna ao signo, mas limitada pelo sistema. Ou seja, há sempre essa dupla determinação: a determinação interna, que é intrínseca ao signo, e a determinação externa, que mostra a força que o sistema tem sobre o(s) signo(s)¹⁷ – conforme lemos no CLG: “Uma língua é radicalmente incapaz de se defender dos fatores que deslocam, de minuto a minuto, a relação entre o significado e o significante. É umas das consequências da arbitrariedade do signo” (SAUSSURE, 1974, p. 90).

No que diz respeito ao arbitrário absoluto, aparecem, no próprio CLG, duas possíveis contestações. Uma ligada às onomatopeias e outra, às interjeições. Conforme lemos no CLG, as onomatopeias “não são jamais elementos orgânicos de um sistema linguístico”, e “a qualidade de seus sons atuais [...] é resultado fortuito da evolução fonética” (SAUSSURE, 1974, p. 83). Nesse sentido, uma

13 “*le lien du signe par rapport à l’idée représentée est radicalement arbitraire*” – a mesma frase é registrada por Constantin (III C 299); já Mme Sechehaye registra: “*Le lien du signe à l’idée est arbitraire radicalement*”.

14 “*L’arbitraire du signe, c’est la contrainte d’où naît la liberté*” (CHOI, 2002, p. 82).

15 Conforme CLG/E, I, 507 I R 3.20.

16 “*L’arbitraire du signe y trouve son contexte, en dehors de toute question terminologique: la sémiologie et la mutabilité du signe*” (ENGLER, 1962, p. 5).

17 Essa ideia se aproxima da posição presente no detalhado estudo de Simon Bouquet (2000, p. 233): “É este duplo fato que se conjuga num fenômeno complexo que se pode, desta vez, ser denominado *arbitrário do signo* e que escolhemos denominar aqui *arbitrário da língua*, para não criar equívoco com o *Cours*”.

análise que remonta à forma antiga da palavra *fouet* (chicote), por exemplo, mostra como a sonoridade sugestiva dessa palavra francesa não encontra eco no passado: *fouet* deriva de *fāgus* (SAUSSURE, 1974, p. 83).

Além das palavras cuja sonoridade parece refletir uma realidade que está fora da *langue* (como o som produzido pelo chicote), há as onomatopeias “autênticas”, as quais “não apenas são pouco numerosas, mas sua escolha é já, em certa medida, arbitrária, pois que não passam de imitação aproximativa e já meio convencional de certos ruídos” (SAUSSURE, 1974, p. 83). Como exemplo, comparam-se as onomatopeias “ouaoua” no francês e “wauwau” no alemão, ambas representando o latido de um cão. O CLG deixa claro: “uma vez introduzidas na língua, elas se engrenam mais ou menos na evolução fonética, morfológica” (SAUSSURE, 1974, p. 83) pelas quais passam qualquer signo. Quanto às interjeições (exclamações), conforme lemos no CLG, “basta comparar duas línguas [...] para ver o quanto tais expressões variam de uma para outra língua (por exemplo, ao francês *aie!* corresponde em alemão *au!*)” (SAUSSURE, 1974, p. 84).

Sobre essa discussão, acompanhamos a posição de John Joseph (2014), ao dizer que Saussure não rejeita a iconicidade¹⁸, mas limita seu campo de aplicação à ligação entre os signos e seus referentes (uma ligação que, aliás, situa-se fora do campo da linguística). Assim, para esse autor, a iconicidade não contradiz o arbitrário, que se aplica especificamente à ligação interna do signo linguístico, e é dependente da escuta do(s) falante(s) – problema sobre o qual nos debruçamos na seção “À escuta do arbitrário”.

Consideremos, então, essa outra faceta do arbitrário, o arbitrário relativo, cujos desdobramentos serão abordados mais detalhadamente na próxima seção. O arbitrário relativo aponta, como recém-destacamos, para a força do sistema. Conforme Suenaga (1999), em uma análise pontual do gesto epistemológico de Saussure, o arbitrário relativo vem para substituir as expressões “arbitrário ou não” e “motivado ou imotivado”¹⁹, sobre o que estamos totalmente de acordo – o arbitrário relativo demonstra a solidariedade do sistema, enquanto o arbitrário absoluto seria a falta dessa solidariedade.

Mas há também, na reflexão de Suenaga (1999), um outro apontamento que nos chama a atenção. O pesquisador lembra que na última aula do terceiro curso (em 11 de julho de 1911) Saussure abordou a assimetria do signo. Esse apontamento nos é precioso, pelo fato de ligar a ideia de arbitrário à dilatação do aspecto significante do signo linguístico. Sublinhamos essa observação, pois voltaremos a ela a seguir, ao tratarmos da questão da escuta.

O arbitrário relativo será, portanto, uma constatação da interdependência que há, para que possamos avançar em direção à compreensão do fenômeno da escuta no âmbito da linguística, entre os conceitos de arbitrário, valor e *langue*. A esse respeito, nossas pesquisas contemporâneas têm demonstrado que é a porção significante do signo linguístico que, na maioria das vezes, carrega a força

18 Joseph (2014), em um artigo sobre a iconicidade a partir de Ferdinand de Saussure, demonstra como os conceitos de iconicidade e arbitrário não são excludentes. Afinal, o que seria um signo icônico? Algo que se assemelhe, ou melhor, provoque um efeito de semelhança a um som exterior à *langue*: justamente os efeitos produzidos por uma onomatopeia como “auau”, por exemplo. Para Joseph (2014, p. 94, tradução nossa), entretanto, a questão do arbitrário não é abalada por tais sonoridades sugestivas: “Isso não nega a força potencial da iconicidade na diacronia ou na *parole*. A iconicidade pode muito bem fazer parte do que leva uma comunidade falante a aceitar inovações específicas em vez de outras. E, no entanto, o signo ainda funciona perfeitamente bem como parte da *langue* para um falante que não o interpreta iconicamente. A iconicidade do som-sentido não afeta a arbitrariedade fundamental do signo linguístico”.

19 “*Saussure introduit la conception de l'arbitraire relatif en substituant à l'opposition 'arbitraire ou non' celle 'immotivé ou motivé'*” (SUENAGA, 1999, p. 191).

do arbitrário relativo e traz uma série de repercussões na abordagem do arbitrário absoluto, conforme aponta brilhantemente John Joseph (2015), considerações sobre as quais nos debruçaremos na próxima seção.

Ao abordarmos, como prevê a teorização linguística saussuriana, de forma abstrata a concepção de signo linguístico, chegamos à ligação entre a representação mental de um som e a representação mental de uma ideia. A grande contribuição de Saussure foi mostrar que, no interior do sistema, os elementos que o compõem produzem uma certa “pressão” arbitrária. Como ironicamente lembra Joseph (2015), conceitos não são longos ou curtos, grandes ou pequenos. Ao que nós agregamos: é justamente por meio da primorosa explicação acerca do recorte de unidades no esquema das massas amorfas (SAUSSURE, 1974, p. 131) que se pode entender mais claramente o quão aleatório pode ser o encontro entre significado e significante. Será justamente no seio do sistema que a tensão dos elementos produzirá efeitos de escuta distintos, como tentaremos explicar a seguir.

À ESCUTA DO ARBITRÁRIO

Evidentemente, sabemos que escuta não é um termo registrado nas anotações de Ferdinand de Saussure. Estamos, portanto, propondo pesquisar e avançar nos estudos sobre a noção de escuta no âmbito dos Estudos da Linguagem a partir do legado do linguista genebrino. Como já afirmamos em outras oportunidades (MILANO; STAWINSKI; GOMES, 2016; STAWINSKI, 2016), percebemos, na vasta e heterogênea produção contida em fontes manuscritas e editadas, uma preocupação com o efeito produzido pelo aspecto fônico da(s) língua(s). É por essa via que, neste artigo, buscamos dar mais um passo nessa direção, a partir do princípio do arbitrário. O exercício a que nos propomos desta vez é pensar especificamente a relação da noção de arbitrário com a escuta, em uma reflexão linguística prospectiva ao pensamento saussuriano.

Temos também a intenção de fazer avançar nossa reflexão conjunta sobre objeto e método no âmbito da linguística saussuriana (STAWINSKI; MILANO, 2017), por acreditarmos na insistente presença da preocupação de Saussure com os sons da(s) língua(s). A partir de nossa hipótese, o raciocínio do mestre passava decisivamente pela consideração simultânea dos aspectos concretos e abstratos das unidades que formam o sistema da *langue*. E é por esse motivo que nos debruçamos nos últimos anos sobre a noção de escuta²⁰.

Em um breve exame, pode-se constatar que há várias passagens no próprio CLG em que se pode perceber a presença de observações acerca da ligação entre os sons das unidades linguísticas e os efeitos por eles produzidos. A título de ilustração, podem-se apontar passagens, como a discussão sobre o objeto da linguística (SAUSSURE, 1974, p. 15), sobre o circuito da fala (p. 19), sobre as mudanças linguísticas (p. 27) e sobre fonologia (p. 43, 49). Em todos esses excertos, é possível notar que o linguista deveria estar atento ao efeito que o som produzido causa no ouvido – efeito esse que temos chamado de escuta.

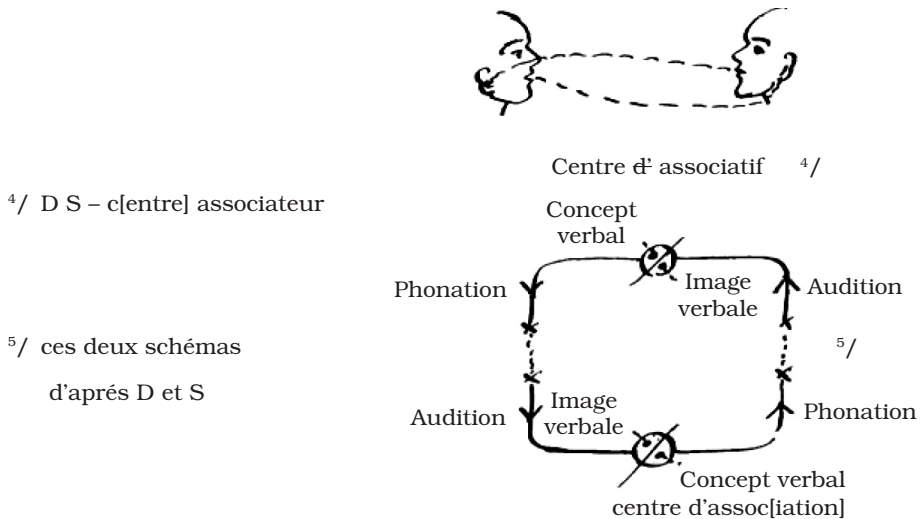
20 A problemática da escuta está presente em trabalhos anteriores de Surreaux (2006, 2010) e tem sido aprofundada a partir de uma perspectiva dos estudos saussurianos no grupo de pesquisa “O rastro do som em Saussure: sobre o aspecto fônico da língua” (2013-atual), coordenado pela profa. dra. Luiza Milano, Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPG-Letras, UFRGS), que tem promovido debates em Milano, Stawinski e Gomes (2016) e Stawinski (2016, 2020 [no prelo]).

A presença do termo *ouvido*²¹ se faz notável especialmente no conjunto de manuscritos intitulado *Phonétique*²², em que é utilizado de forma recorrente para explicar o recorte das unidades linguísticas via valor: “O ouvido só pode naturalmente decidir as semelhanças, identidades e diferenças de percepção” (SAUSSURE, 1995, p. 99, seção 3, fôlio 10r, tradução nossa)²³. Em outra passagem, mais uma amostra da função delimitadora a partir dos efeitos percebidos na cadeia falada:

Considerar a totalidade dos elementos acústicos remete a distinguir as unidades acústicas sucessivas: são duas expressões do mesmo ponto de vista. É somente uma única e mesma operação. É a própria operação do ouvido, enquanto percebe o discurso (SAUSSURE, 1995, p. 103, seção 3, fôlio 11r, tradução nossa)²⁴.

Também no conhecido *circuito da fala* se podem perceber indícios do lugar da escuta na reflexão de Saussure. Dessa vez, lançamos mão das anotações de Secheyaye:

Figura 1 – *Collation Secheyaye*



Fonte: Sofia (2015, p. 408).

Conforme a apresentação no CLG, “Para achar, no conjunto da linguagem, a esfera que corresponde à língua, necessário se faz colocarmo-nos diante do ato individual que permite reconstituir o circuito da fala” (SAUSSURE, 1974, p. 19).

21 Diferentemente de outros artigos (cf. MILANO; STAWINSKI; GOMES, 2016; STAWINSKI, 2016), optamos por traduzir “*oreille*” por “ouvido”.

22 Hermann Parret (2014) foi o primeiro curador do conjunto de manuscritos intitulado *Phonétique*. O pesquisador foi responsável por amplas análises a respeito do papel do *ouvido* nesses manuscritos de Saussure, ampliando a questão do *ouvido* para um problema teórico geral do pensamento linguístico saussuriano. Jacques Coursil (2000) também é outro pesquisador importante na problematização do papel ativo do ouvinte na teoria saussuriana.

23 “*L’oreille ne peut naturellement décider que les ressemblances, identités et différences des perceptions.*”

24 “*Considérer la totalité des éléments acoustiques revient à distinguer les unités acoustiques successives: ce sont deux expressions du même point de vue. Ce n’est qu’une seule et même opération. C’est l’opération même de l’oreille pendant qu’elle perçoit le discours.*”

Tal circuito depende de ao menos duas posições: a de falante e a de ouvinte. Como podemos observar na edição crítica de Engler, assim como na *Collation Sechehaye* reproduzida na Figura 1, o circuito da fala representa a troca estabelecida entre a *boca* e o *ouvido* – personificando as duas posições – daquele que fala e daquele que escuta. Passa-se, assim, a descrever o circuito a partir da 1. associação psíquica do falante, que supõe um processo fisiológico o qual resulta na fonação; além disso, 2. as ondas sonoras são percebidas pelo ouvinte, que delimita as unidades e reconhece, via *parole*, a *langue*.

No momento em que um fenômeno físico atinge um ouvinte e produz efeito de sentido, não cabe falar em decodificação da *parole*: o recorte das unidades pressupõe interpretá-las linguisticamente. Nesse sentido, a recepção do ouvinte é *ativa*. O segundo esquema que acompanha essa primeira representação sintetiza o circuito da fala a partir de conceitos-chave: a fonação e a audição entram em jogo no mecanismo da *langue* ultrapassando os aspectos meramente físicos necessários ao diálogo: a noção de *centro associativo* dá lugar à singularidade do falante-ouvinte na delimitação das unidades linguísticas, e a definição do que é *langue* encontra-se dependente da *escuta linguística* do que poderiam ser apenas massas amorfas de som.

A percepção – ou escuta – da cadeia falada como uma operação ativa do *ouvido* é destacada por Tullio De Mauro. Talvez o pesquisador tenha sido um dos primeiros a ter percebido a relevância da noção de ouvido, principalmente em seus comentários acerca do circuito da fala, conforme se pode conferir nas notas 61 e 65 de sua edição crítica do CLG (SAUSSURE, 1972), as quais convidam o leitor a atentar para a questão da escuta. Na nota 61, De Mauro afirma: “como nós sabemos hoje, a audição está bem longe de poder ser considerada como um simples mecanismo receptivo, um registro inerte” (SAUSSURE, 1972, p. 419, tradução nossa)²⁵. Já na nota 65 (SAUSSURE, 1972, p. 420), por exemplo, lemos que a *langue* vive apenas para governar a *parole*, ou seja, que a escuta recorta na *parole* aquilo que pode e é (ou passar a ser) reconhecido como *langue*: nesse sentido, conforme aponta De Mauro, a distinção estabelecida entre *langue* e *parole* é dialética, e “a *langue* só vive para governar a *parole*” (SAUSSURE, 1972, p. 420, tradução nossa)²⁶.

Na trilha de De Mauro, outro linguista italiano, Giuseppe D’Ottavi, vai ainda mais diretamente ao ponto. Também ao analisar o circuito da fala, esse autor contemporâneo nosso (D’OTTAVI, 2010, p. 78-79) investiga a posição ativa do lado receptivo do falante em seu exercício de escuta, ao captar uma massa amorfa, recortá-la em unidades e identificar aquilo que reconhece. E esse processo todo acontece simultaneamente para falantes e ouvintes, ou seja, todos aqueles que compõem a “massa de falantes”. Afinal, como se pode conferir nas “Notas preparatórias para os cursos de linguística geral” presentes no ELG, o sistema de signos existe para (e pela) a coletividade: “ele é feito para se ouvir entre vários ou muitos e não para se ouvir sozinho” (SAUSSURE, 2004, p. 249).

Quando se analisa o funcionamento da *langue*, é comum que se pense que as porções de significado e significante são simétricas – a representação do signo linguístico no CLG contribui para essa interpretação:

25 “comme nous le savons aujourd’hui, l’audition est bien loin de pouvoir être considérée comme un simple mécanisme réceptif, un enregistrement inerte.”

26 “la *langue* ne vit que pour gouverner la *parole*.”

Figura 2 – Signo

Fonte: Saussure (1972, p. 158).

No entanto, não é essa a sugestão que encontramos na proposta de Sémir Badir (2017). O pesquisador chama a atenção para o fato de que, enquanto no CLG existem duas flechas nas laterais da figura que representa o signo linguístico, anotações dos alunos de Saussure demonstram outra representação: há apenas uma flecha na direção do significante para o significado. Esse argumento indica uma certa preponderância do aspecto significante. Vejamos o esquema conforme Constantin (2005, p. 286):

Figura 3 – Signo assimétrico

A mesma representação realizada por Constantin é encontrada nos cadernos de Dégalier e Gautier, conforme edição crítica de Engler (SAUSSURE, 1989-1990, p. 255). A partir dessas observações, Badir (2017) nos diz que muitas vezes encontramos o significado sendo “carregado” pelo significante: o signo linguístico é, portanto, assimétrico, apresentando uma tendência à dilatação da porção significante.

Esse apontamento de Badir (2017) vem acompanhado de uma explicação que nos é muito convincente. Conforme propõe o autor, o arbitrário é um princípio que repercute assimetricamente no signo. Além disso, Badir mostra que o arbitrário relativo indica justamente o quanto a dilatação da porção significante²⁷ de um signo pode repercutir nos demais signos que compõem o sistema. A proposta de Badir nos auxilia significativamente na leitura que fazemos da relação entre arbitrário e escuta. Do ponto de vista do arbitrário absoluto, deparamo-nos com um princípio teórico que sustenta a *langue* como sistema simbólico, ou seja, a abstração do sistema requer como condição o “radicalmente arbitrário”. Do ponto de vista do arbitrário relativo, percebemos um princípio metodológico que nos permite abordar aquilo que parece escapar ao arbitrário absoluto: a assimetria do signo aponta para a escuta dos efeitos da *parole* na *langue*.

Outra vez recorremos ao linguista sul-coreano Yong-Ho Choi (2002), para atentarmos para o aspecto fônico das unidades linguísticas. Conforme já destacamos, para esse autor, é fundamental considerarmos a natureza temporal das “coisas auditivas” (CHOI, 2002, p. 85). É essa mais uma indicação que encontramos para propor que a delimitação do significante é metodologicamente o que

²⁷ É importante dizer que Badir (2017, p. 14) relativiza a dilatação da porção significante ao resgatar uma passagem do CLG na qual há uma preponderância do significado: “*Si l’un des deux côtés du signe linguistique pouvait passer pour une existence en soi, ce serait le côté conceptuel, l’idée comme base du signe*” (“Se um dos dois lados do signo linguístico pudesse ter uma existência por si só, seria o lado conceitual, a ideia como base do signo”) (SAUSSURE, 1967, p. 178F, tradução nossa).

baliza a forma de se fazer análise linguística. E o que seria a ordem linear das unidades? Segundo Choi (2002, p. 87), há uma ordem gramatical que guia o encadeamento fônico, e é a partir dela que se delinea o valor da ideia. Juntamos essa observação do autor às nossas reflexões sobre noção de escuta.

Retornando também a Joseph (2015), é importante considerar o suposto abalo do arbitrário. Segundo o autor, estando ou não um falante ciente das correlações entre som e sentido, os significantes significam. Esse é o ponto do arbitrário. A iconicidade, a onomatopeia ou a força fônica da interjeição podem muito bem ser parte do que leva uma comunidade de fala a aceitar inovações particulares, em vez de outras. E, ainda assim, o signo funciona perfeitamente para um falante que não o interpreta icônica ou sensivelmente (no sentido fônico da “sensação”). O que Joseph (2015, p. 96-97, tradução nossa) nos lembra é que a iconicidade do significado sonoro não chega a afetar o caráter arbitrário absoluto do signo linguístico:

O princípio saussuriano da arbitrariedade sustenta que o signo linguístico opera da mesma maneira, existindo esse vínculo ou não: a palavra pluit não é mais “verdadeira” para alguém que ouve a chuva caindo do que para aqueles que como eu não a ouve; nem é mais verdadeira uma palavra como rain, na qual qualquer noção de ligação entre som e ideia parece forçada. Pode ser que alguém que ouça a gota de chuva de fato experiencie essa palavra com mais intensidade e vivacidade, mas isso está no nível individual da parole²⁸.

Concordamos com Joseph (2014, 2015) quando afirma que o arbitrário do signo linguístico, tal como discutido por Saussure, não é uma ponderação sobre a relação entre as palavras e as coisas. O que é arbitrário no signo é muito específico: trata-se do elo entre significante e significado. O significante é um envelope sonoro, ele é o que significa um conceito, especificamente um conceito inseparavelmente ligado a uma determinada materialidade sonora. Joseph lembra ainda que a soma total dos nossos significados não é igual ao nosso “pensamento”. Somos capazes de pensar em coisas para as quais nossa linguagem não tem “um significado”, e depois ter que empurrar seus limites, como fez Saussure quando, em sua aula de 19 de maio de 1911, propôs os termos significado e significante em substituição a conceito e imagem acústica.

A abordagem de Joseph ajuda-nos a pensar as relações entre o caráter arbitrário e a escuta na medida em que coloca em jogo a experiência da *langue* pelo falante. Conforme o pesquisador, “raramente foi contemplada a possibilidade de que [o signo] seja icônico para alguns falantes ou ouvintes, mas não para outros – que sua iconicidade, em outras palavras, possa ser uma questão de interpretação” (JOSEPH, 2015, p. 93, tradução nossa)²⁹. Assim, longe de ser abalado, o caráter arbitrário, encarado do ponto de vista da escuta da *langue*, mostra que “os signos linguísticos funcionam apesar das associações icônicas” (JOSEPH, 2015, p. 100, tradução nossa)³⁰ – seja pelas onomatopeias ou por outras possíveis associações sonoras entre o significante e o significado.

28 “The Saussurean principle of arbitrariness holds that the linguistic sign operates in the same way whether there is such a link or not: the word *pluit* is no “truer” for someone who hears the rain dropping in it that it is for those like me who do not hear it; nor is it truer a word such as *rain* in which any notion of a link between sound and idea seems far-fetched. It may well be that someone who hears the raindrop in *pluit* experience this word more intensely, more vividly, but that is on the individual level of *parole*.”

29 “rarely has the possibility been contemplated that it [the sign] might be iconic for some speakers or hearers but not for others – that its iconicity, in other words, might be a matter of interpretation.”

30 “linguistic signs function regardless of iconic associations.”

Para Joseph (2015, p. 96), a iconicidade – e o caráter arbitrário, acrescentamos nós – está nos ouvidos de quem escuta ou “nos olhos de quem vê”³¹, afinal de contas, o signo só é signo porque depende do laço arbitrário entre suas duas partes,

[...] independentemente do que a iconicidade possa sobrepor para um, alguns ou muitos falantes. Ou de fato para todos eles, já que amanhã alguma criança pode aprender o signo sem a iconicidade, e quem saberá que esse é o caso, desde que a criança utilize o signo apropriadamente? (JOSEPH, 2015, p. 100, tradução nossa)³².

O caráter arbitrário resta inabalado, e entra em campo a sensação acústica, a partir da posição de ouvinte da *parole* que sofre seus efeitos. A escuta, nessa perspectiva, parece-nos um conceito importante para justificar, de certa maneira, a experiência singular do falante.

Em um artigo importante no estabelecimento do lugar do falante na teoria saussuriana, o linguista italiano Raffaele Simone (1995) aponta que o arbitrário age como um princípio que reforça um modelo de linguística centrado no falante (em contraposição a um modelo centrado na *langue*). Por quê? Especialmente em decorrência da função que o arbitrário relativo tem para o falante. Enquanto o arbitrário absoluto liberta o falante das relações externas à *langue*, o arbitrário relativo é o que permite a sua viabilidade: “Saussure justifica a sua introdução do arbitrário relativo precisamente ao mencionar de forma explícita as imposições do falante ante a *langue*” (SIMONE, 1995, p. 244, tradução nossa)³³, na medida em que o falante precisa de uma regularidade em função da memória. Além disso, considerando as relações associativas, Simone (1995, p. 243, tradução nossa) aproxima-se de Joseph ao apontar que “uma associação pode agir em um falante e não [agir] em outro”³⁴.

Refletir sobre o caráter arbitrário, nesse sentido, encaminha-nos para a escuta – e por isso provocamos nosso leitor a refletir sobre o arbitrário e/é escuta: é a partir da posição de ouvintes da *langue* que reforçamos ou diluimos o caráter arbitrário; a experiência da *parole* adentra o cerne de uma das concepções mais complexas da reflexão saussuriana, entrelaçando de uma maneira singular as concepções de *langue* e *parole*, já que, longe de abalar o *arbitrário*, a experiência singular do falante-ouvinte expõe o aspecto individual e ao mesmo tempo social do fenômeno linguístico.

Finalmente, após já termos trilhado nos últimos tempos a reflexão acerca do lugar que as noções de ouvido, ouvinte ou falante-ouvinte têm nos estudos de Ferdinand de Saussure, nosso percurso nos instigou a dar um passo adiante. Estamos convictas da preocupação do genebrino com o efeito produzido pelo aspecto fônico da(s) língua(s) sobre o falante-ouvinte. Acreditamos que o amparo da noção de arbitrário foi fundamental para darmos esse passo que ora expusemos. Nesse sentido, identificamo-nos com as propostas dos autores aqui apon-

31 “Iconicity is in the eye or ear of the beholder” (JOSEPH, 2015, p. 96).

32 “regardless of what iconicity may overlay it for one, or some, or many speakers. Or indeed for all of them, since tomorrow some child may learn the sign without the iconicity, and who will know that this is the case, so long as the child uses the sign appropriately?”

33 “Saussure justifies his introduction of the relative arbitrariness precisely by explicitly mentioning the impositions made by the speaker on language.”

34 “an association may act in one speaker but not in another one.”

tados que, com suas leituras renovadoras, sugerem interpretações que iluminam os estudos contemporâneos do legado saussuriano.

ENCAMINHAMENTOS

Segundo Joseph (2015), Saussure ensinou que o trabalho do linguista consiste quase que inteiramente em limitar o que é arbitrário na *langue*. No presente artigo, procuramos levar a sério esse desafio.

Nossos estudos têm ensinado que a pista, ou o rastro, como temos preferido dizer, do significante é uma importante porta de entrada para os estudos linguísticos. Acreditamos que essa indicação foi-nos dada por Saussure, ao apontar a relevância do conceito de arbitrário para formular sua hipótese teórica de signo e de sistema, mas, também, para implementar uma metodologia de análise de unidades – as unidades concretas da *langue* – que dependem, em nossa interpretação particular da teoria, do suporte de uma noção de escuta.

Assim, ao visitarmos fontes manuscritas autográficas, edições críticas do CLG e produções de pesquisadores contemporâneos de referência na área, percebemos uma coerência bastante razoável de nossa hipótese de trabalho. De forma alguma isso facilita ou abrevia nossa tarefa. Ao contrário. Ao percebermos as imensas possibilidades que se abrem ao relacionarmos o arbitrário e a escuta no âmbito do pensamento saussuriano, vemo-nos ainda mais desafiadas a seguir no rastro do som em Saussure. Agora, mais do que nunca, sob os efeitos da escuta.

ARBITRARY AND/IS LISTENING

Abstract: This article aims to reflect about the relationship between the well-known Saussurian concept of arbitrary and the notion of listening. To this end, we will take as a starting point the preceding studies in the field about the arbitrary, since there is a recurring debate concerning Language Studies' research. Given the importance of this theoretical principle concerning Ferdinand de Saussure's thought, we propose a notion of listening in the scope of linguistics, from the approach of the arbitrary in the author's legacy. For this journey, we will take into account two sources of autograph manuscripts – “On the dual essence of language” and *Phonétique* –, but we will also revisit the *Course in General Linguistics* critical edition and the interpretations sustained by renowned researchers of the Genevan master's legacy concerning the arbitrary issue and its relationship with listening.

Keywords: Arbitrary. Listening. Saussure. Sign. Value.

REFERÊNCIAS

- BADIR, S. Is the arbitrary symmetrical? *Semiotica*, v. 2017, n. 217, p. 97-115, 2017.
- BOUQUET, S. *Introdução à leitura de Saussure*. Tradução Carlos Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2000.

- CHOI, Y.-H. *Le problème du temps chez Ferdinand de Saussure*. Paris: L'Harmattan, 2002.
- CONSTANTIN, E. Linguistique générale. Cours de M. Le Professeur de Saussure. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n. 58, p. 79-288, 2005.
- COURSIL, J. *La fonction muette du langage*. Guadeloupe: Ibis Rouge Éditions, Presses Universitaires Créoles, 2000.
- CRUZ, M. Prefácio à edição brasileira. In: WHITNEY, W. *A vida da linguagem*. Tradução Marcio Alexandre Cruz. Petrópolis: Vozes, 2010.
- D'OTTAVI, G. Ferdinand de Saussure e Monsieur B. *Bollettino di Italianistica*, v. VII, n. 1, p. 71-91, 2010.
- ENGLER, R. Théorie et critique d'un principe saussurien: l'arbitraire du signe. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n. 19, p. 5-66, 1962.
- ENGLER, R. *Lexique de la terminologie saussurienne*, Utrecht-Anvers, Spectrum, Comité international permanent des linguistes. Publication de la commission de terminologie, 1968.
- GODEL, R. *Les sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale de F. de Saussure*. Genève: Droz, 1969.
- JOSEPH, J. Saussure's sound symbolism. *History and Philosophy of the Language Sciences*, 2014. Disponível em: <https://hiphilangsci.net/2014/08/06/saussures-sound-symbolism>. Acesso em: 21 jul. 2020.
- JOSEPH, J. Iconicity in Saussure's Linguistic Work, and why it does not contradict the arbitrariness of the sign. *Historiographia Linguistica*, Amsterdam, v. 42, p. 85-105, 2015.
- MILANO, L.; STAWINSKI, A.; GOMES, J. Por uma noção de escuta a partir do legado saussuriano. *Eutomia*, Recife, v. 17, n. 1, p. 92-104, jul. 2016.
- PARRET, H. *Le son et l'oreille: six essais sur les manuscrits saussureins de Harvard*. Paris: Lambert Lucas, 2014.
- SAUSSURE, F. de. *Cours de Linguistique Générale*. Édition critique préparée par Tullio De Mauro. Paris: Payot, 1972.
- SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. Organização Charles Bally e Albert Sechehaye; colaboração de Albert Riedlinger. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1974.
- SAUSSURE, F. de. *Course in General Linguistics*. Translation R. Harris. Chicago: Open Court, 1986.
- SAUSSURE, F. de. *Cours de Linguistique Générale*. Édition critique par Rudolf Engler. Wiesbaden: O. Harrassowitz, 1989-1990. 4 v.
- SAUSSURE, F. de. *Phonétique. Il manoscritto di Harvard*. Houghton Library, edizione a cura de Maria Pia Marchese, Università degli studi di Firenze. Padoue: Unipress, 1995.
- SAUSSURE, F. de. *Escritos de Linguística Geral*. Organização e edição de Simon Bouquet e Rudolf Engler. Tradução Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004.
- SAUSSURE, F. de. *Science du langage: de la double essence du langage*. Édition établie par René Amacker. Genève: Librairie Droz, 2011.

- SAUSSURE, F. de. *Corso di Linguistica Generale*. Traduzione Amado Alonso. Bari: Editori Laterza, 2017.
- SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística General*. Buenos Aires: Losada, 2018.
- SIMONE, R. The language-user in Saussure (and after). In: FORMIGARI, L.; GAMBARARA, D. (ed.). *Historical roots of linguistic theories*. Amsterdam: Benjamins, 1995. p. 233-250.
- SOFIA, E. *La collation Sechehaye du “cours linguistique générale” de Ferdinand de Saussure (1913)*. Édition, introduction et notes par E. Sofia. Leuven: Peeters, 2015.
- SOUZA, L. F. de. *Platão. Crátilo*. Estudo e tradução. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. DOI 10.11606/D.8.2011.tde-14062011-133520
- STAWINSKI, A. *O aspecto fônico da língua: uma reflexão sobre o lugar do ouvinte na proposta saussuriana*. 2016. Dissertação (Mestrado em Análises Textuais, Discursivas e Enunciativas) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.
- STAWINSKI, A. *À escuta da langue-parole: considerações a partir da teoria saussuriana*. 2020. Tese (Doutorado em Análises Textuais, Discursivas e Enunciativas) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020. No prelo.
- STAWINSKI, A.; MILANO, L. Sobre objeto e método: do CLG ao manuscrito *Phonétique*. *Gragoatá*, Niterói, v. 22, n. 44, p. 1172-1183, set./dez. 2017.
- SUENAGA, A. Des deux arbitraires, absolu et relatif, à un arbitraire “primaire” – le fait linguistique et le devenir du signe chez Saussure. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n. 52, p. 189-200, 1999.
- SURREAUX, L. *Linguagem, sintoma e clínica em Clínica de Linguagem*. 2006. Tese (Doutorado em Análises Textuais, Discursivas e Enunciativas) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- SURREAUX, L. O “efeito de transcrição” na escuta de falas desviantes: uma leitura enunciativa. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE TEXTO, ENUNCIÇÃO E DISCURSO, 2010, Porto Alegre. *Anais [...]*. Porto Alegre: Núcleo de Estudos do Discurso, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/anais/sited/arquivos/LuizaMilanoSurreaux.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2020.
- WHITNEY, W. *A vida da linguagem*. Tradução Marcio Alexandre Cruz. Petrópolis: Vozes, 2010.